

5 - O Juro Sobre o Capital

sexta-feira, 12 de fevereiro de 2021 14:02

Observações preliminares

- "Juro é um prêmio ao poder de compra presente por conta do poder de compra futuro"
- Juros produtivo tem sua fonte nos lucros. Economia estática não conhece o juro produtivo.
- Como o juro se encaixa no fluxo circular? Não é salário ou rendimento da terra, parece não se encaixar no modelo.
- Como contabilizar a terra? Mero meio de produção? Serviços? Terra não é igual a uma máquina e valor da terra é mais complicado do que simplesmente a soma dos rendimentos descontados, embora dependa disso também. Teoria dos juros será fundamentada a partir dessa ideia.
- Juro não seria um elemento do custo, mas a uma discrepância entre os custos e o valor do produto. É um excedente. Três pontos explicam juro no caso de monopólio: 1-Haveria uma fonte de valor excedente explicada pela teoria do monopólio. 2- Haveria uma razão para que se atribuisse rendimento aos monopolistas. 3- Nem concorrência nem imputação anulam o rendimento. No entanto, existem situações sem monopólio e o juro pode existir mesmo sem essas condições.
- Há a possibilidade de uma corrente permanente de bens. Resta provar que por que a corrente vai para aqueles indivíduos em especial e por que os rendimentos não desaparecem com o tempo.
- Não podemos dizer que uma floresta jovem ou um barril de vinho têm um aumento real contínuo do valor com o tempo enquanto fenômeno primário e independente, esse valor já existe antes do futuro de realizar, é previsto. Também não há aumento do valor com o tempo de bens que permanecem idênticos mas cuja demanda aumentou.
- Valores excedentes provêm dos novos usos mais vantajosos de bens, quando comparados aos usos antigos. Valores excedentes também provêm das repercussões do desenvolvimento, causados pelos aumentos de demanda. Estes excedentes são reais.
- Cinco Proposições:
 - 1- O juro produtivo provém essencialmente dos valores excedentes, e de nada mais.
 - 2- Os valores excedentes no desenvolvimento estão na forma de lucro empresarial e nas "repercussões do desenvolvimento", embora o lucro provenha do primeiro apenas. Juros é como um tributo sobre o lucro.
 - 3- Lucro não pode ser direta e imediatamente o juro, pois lucro é temporário. Juro não se prende a nenhuma classe de bens concretos, diferente do lucro. Juro é permanente, lucro não.
- Questão chave: *Como a partir dos lucros transitórios, sempre mudando, se extrai essa corrente permanente de juros, fluindo sempre para o mesmo capital?*
 - 4- Numa sociedade comunista ou não-mercantil em geral não haveria juro enquanto fenômeno de valor independente. Juro depende de uma economia de trocas. O agente ao qual se paga juros não existiria numa sociedade comunista.
 - 5- É somente porque outras pessoas têm o comando sobre os bens de produção necessários que os empresários precisam chamar o capitalista para ajudá-los a remover o obstáculo que a propriedade privada dos meios de produção impõe ao seu caminho. Não haveria juros se empresários pudessem confiscar bens de produção necessários, só haveria lucro. Na prática, frequentemente as próprias empresas são as financiadoras de si mesmas com as receitas anteriores.
- Pensadores antigos não viam juros produtivos, apenas juros sobre o consumo.
- Mesmo vários iluministas já não confundiam lucro com juros, identificavam como fenômenos

- distintos. Mas a partir de Ricardo, começou-se a tratar os dois como sinônimos no mainstream. Nessa visão, lucro do empresário é como um juro sobre o próprio capital. Nessa visão, empresário é aquele que é usuário do capital, e capitalista é aquele que fornece algum tipo de bem. Não é bem correto e não explica bem existência de juros.
- Se a teoria tradicional vincula o juro contratual aos lucros dos empresários, não explica muita coisa pois já as toma por princípio como coisas semelhantes. Na nossa teoria, no entanto, isso seria o suficiente, já que os considera fenômenos distintos.
 - Queremos explicar então: *como surge então o juro a partir do lucro empresarial?*
 - O excedente de valor constitui a base do juro. Segundo a visão tradicional, juros são expressos em dinheiro simplesmente como expressão dos valores contidos nos próprios bens aos quais estão vinculados. Lucro também é expresso como dinheiro por razão semelhante. Mas lucro não tem nada a ver com o dinheiro.
 - No entanto, no caso dos juros, na realidade não podemos desvinculá-lo do dinheiro, dinheiro é o cerne e não a casca.
 - *"O juro é um elemento do preço do poder de compra considerado como um meio de controle sobre os bens de produção"*
 - É um erro dizer que a taxa de juros depende simplesmente da quantidade de dinheiro, como vários afirmaram na história. Um aumento de dinheiro imediato na verdade eleva a taxa de juros, ao invés de diminuí-la.
 - Juros é um fenômeno do mercado monetário.
 - Uma troca de algo no presente e algo no futuro não faz sentido pois não são coisas iguais, não é como a troca de coisas diferente em um dado instante.
 - Num mercado em equilíbrio, é impossível obter a partir de uma soma de dinheiro original uma soma de dinheiro maior.
 - Quando há desenvolvimento, uma nova combinação pode sim retornar mais unidades monetárias do que o alocado. Neste cenário, as somas presentes de dinheiro terão um prêmio em valor, que conduz a um prêmio no preço, e nisso está a essência do juro.
 - Apenas os empresários têm uma estimativa mais alta do poder de compra futuro do que presente.
 - Capitalistas ofertam dinheiro e empresários o demandam em um mercado competitivo. Empresário só aceitará pagar uma taxa de juros que seja inferior à sua expectativa de ganho futuro. O ponto de equilíbrio é a solução de qualquer mercado competitivo e a taxa de juro será igual à taxa de lucro do "último empresário", i.e. ao menor lucro empresarial efetivamente realizado.
 - Vimos que o desenvolvimento numa sociedade capitalista só pode existir com meios de pagamentos creditícios.
 - Como as novas formas possíveis de organizar a produção são infinitas até em sociedades ricas. A possibilidade de lucro e novas combinações a princípio não tem limite definido, e sempre que se aperfeiçoa se abrem mais possibilidades de aperfeiçoamento, portanto a demanda a um juro nulo seria sempre maior do que a oferta, que é sempre limitada. Mas isso só ocorre se os empresários estiverem dispostos a fazê-lo. Podemos supor um cenário em que o crédito disponível exceda à demanda dos empresários, que não desejam tomar empréstimos com juros nulos, mas isso não ocorre. Como a demanda excede à oferta, aumentará a taxa de juros até o equilíbrio.
 - É necessário enumerar as fontes de poder de compra existentes que suprem o reservatório do mercado monetário, além de mostrar como os juros afetam toda a economia de trocas.
 - O poder de compra provém dos elementos de períodos anteriores, assim como do desenvolvimento, no qual o poder adicional é em parte destinado ao mercado monetário. Este fluxo provindo do desenvolvimento tem três partes:
 - 1- O lucro empresarial, que será em parte investido
 - 2- A liquidação de empreendimentos por empresários ou seus herdeiros

- 3- Os lucros que o desenvolvimento gera para outras pessoas que não os empresários, as "repercussões do desenvolvimento"
- É a existência de juro que faz com que esses poderes de compra escoem para o mercado monetário, caso contrário não haveria por que ofertá-lo.
 - Poupança tem papel pequeno nisso, e depende da existência do juro. Não quer dizer necessariamente que aumento nos juros causa aumento na poupança.
 - Dinheiro momentaneamente ocioso das empresas também ingressa o mercado monetário.
 - Mesmo pessoas distantes do processo produtivo e do banqueiro são pagas juros pelo dinheiro depositado, e tudo compete com essa forma de alocação.
-
- Juro então se estende por todo o sistema econômico.
 - Fisher: "*Juro é a impaciência cristalizada numa taxa de mercado*". Segunda essa visão, tudo seria uma forma de juros: salário são juros sobre capital humano, renda da terra é juro sobre o capital na forma de terra. Nessa visão, toda renda é valor produzido descontado de acordo com a taxa de desvalorização das satisfações futuras.
 - Para nós, bens concretos nunca são capital, mas podem ser trocados para obter capital.
-
- Em alguns casos tratar lucros como juros, apesar de errado, não faz muita diferença. Em outros, faz bastante. Juros são permanentes e lucros temporários. O comprador que comprar um negócio esperando que os lucros se mantenham e simplesmente aplica na avaliação a fórmula do juro, de fluxos infinitos de rendimentos, se decepcionará. O negócio que permanece inalterado logo cai na insignificância.
 - Estabelecimento industrial individual só é fonte permanente de salários e renda da terra.
 - Como explicar os pagamentos de dividendos aos acionistas, que são como rendimentos permanentes? Algumas empresas o conseguem por poder de monopólio, outras por estarem constantemente fazendo coisas novas e se renovando para utilizar novas combinações. Caso contrário esses rendimentos "permanentes" não poderia existir, não existe uma renda permanente proveniente de juros auferidos do mesmo e único negócio. Logo, a receita de dividendos por acionistas não contradiz a teoria.
-
- Segundo a teoria, flutuações de lucro empresarial e juros deveriam se mover juntamente. Isso na verdade só valeria no curto prazo, pois ao longo prazo talvez até observássemos relação entre novas combinações e os juros, mas que os muitos ruídos, as "outras coisas", ao longo de um período longo devem impossibilitar uma relação tão clara.
 - Logo, essa teoria discorda da visão clássica de que os juros teriam uma tendência secular a cair e a história parece favorecer nosso argumento.
 - Juros não é, como é o lucro, fruto direto do desenvolvimento, mas na verdade é um freio (necessário) ao desenvolvimento, um "imposto sobre o lucro empresarial". Juros também não são necessários a todas as formas de organização de sistema econômico. Mas não é razão para que queiramos condenar a existência dos juros, juros é apenas consequência de um método especial de se realizar novas combinações.